



A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE LUTA CONTRA O PRECONCEITO RACIAL

Elane Cristina do Amaral¹

RESUMO

Pensar sobre a trajetória dos afrodescendentes no Brasil é sem dúvida nenhuma mergulharmos em nossa própria história, tendo em vista as contribuições que os mesmos deram na construção de nosso país. À marginalização dos povos afros no Brasil podem ser vislumbrados não só na exclusão social a que foram submetidos, mas em outras formas, como o preconceito racial que sofrem cotidianamente. Neste sentido, este artigo tem como um dos principais objetivos pensar sobre o preconceito racial e suas consequências ao que se refere aos povos afrodescendentes. Utilizamos a sala de aula como laboratório para realizarmos nossa pesquisa. A série dos 8º anos do ensino fundamental II, foi o nosso foco de análise para investigarmos a temática. Dialogamos com alguns autores como Kabengele Munanga, João José Reis, Flavio dos Santos, Emília Viotti entre outros. Metodologicamente lançamos mão da pesquisa como a revisão de conteúdos sobre o tema, debates, análises de músicas, produções de poemas e peças teatrais realizados pelos alunos e como desfecho final realizamos a exposição de painéis e debates sobre todo trabalho realizado em sala de aula. Ademais, podemos ainda enfatizar que os frutos dessa pesquisa foram vários, entre eles, nos rendeu por três anos consecutivos 2014, 2015 e 2016 o Prêmio Mestres da Educação do Governo do Estado da Paraíba. E mais uma vez, estamos abertos às críticas e sugestões nesta temática.

Palavras-chave: Sala de aula, Preconceito Racial, Afrodescendentes.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais assistimos uma série de debates no tocante ao preconceito de cor sofrido pelos negros brasileiros. A lei se posiciona de forma a inibir essa prática danosa a integridade humana e muitas entidades se unem de forma a levantar suas bandeiras contra o racismo.

Partindo do pressuposto que a discriminação racial adentra vários espaços da nossa sociedade e que, portanto, a luta contra o racismo também deve chegar a esses lugares, buscamos como um dos objetivos dessa pesquisa problematizar o espaço escolar que muitas vezes é um território profundo da discriminação racial.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, enale13@yahoo.com.br



Assim, a importância dessa pesquisa não se dá apenas pela proposta relevante em se trabalhar e refletir com os alunos o preconceito racial praticado em nosso país contra os negros e principalmente no tocante ao âmbito escolar. Sua relevância está em mobilizar professores, alunos, pais e indivíduos como um todo, a descruzarem os braços e agenciarem medidas efetivas no convívio do lar, do trabalho e, prioritariamente, da escola, pelo fim da discriminação racial.

Ao lançarmos mão de termos como alvo os alunos do 8º ano do Fundamental II para tal pesquisa, tivemos o intuito de buscar atingir um pouco das origens de onde o preconceito racial surge e vai se solidificando em suas barbáries, assim, é dentre os jovens e precisamente, entre os adolescentes que esses debates devem ganhar força.

METODOLOGIA

Neste sentido, buscamos algumas estratégias para adentrarmos propriamente na prática da pesquisa. De acordo com Schmidt e Cainelli (2009, p.37):

Etimologicamente, a palavra método vem do grego, métodos _ meta, “através” e hodós, “caminho”. Em didática, essa palavra pode significar os meios colocados em prática, racionalmente para a obtenção de um resultado determinado. No ensino de História, esses mencionados meios podem ser relacionados, também, com a aplicação de métodos de aprendizagem por repetição ou por descobrimento, métodos etnógrafos ou descritivos, métodos de resolução de problemas, como o estudo de caso, e os métodos de investigação.

Assim, discorreremos a seguir, a partir de alguns métodos e da utilização de alguns recursos didáticos para a prática da pesquisa. Sabendo que:

O conceito de método é mais amplo que o de técnica. Esta é o instrumento ou a ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem. Trata-se, igualmente, de um recurso didático, como a utilização de um filme por meio de sua exibição pelo videocassete. Recursos são os materiais disponíveis para a didática. Entre eles, estão os recursos humanos, dentre os quais se destaca o professor. Podem ser denominadas estratégias de ensino todas as formas de organizar o saber, didaticamente, por meio como o trabalho em grupo e aula expositiva. (SCHMIDT e CAINELLI, 2009, p.37)

Deste modo, abraçamos estratégias e recursos diversificados para nossa análise do tema junto aos alunos. A seguir buscaremos detalhar as etapas realizadas.



1ª ETAPA: DIALOGANDO COM OS CONCEITOS: PRECONCEITO, RACISMO E DISCRIMINAÇÃO.

Na primeira etapa de nossa pesquisa, priorizamos as aulas expositivas e enfatizamos a importância de refletirmos três conceitos: Primeiro o de **Preconceito**, o qual pode ser definido como uma opinião que se forma das pessoas antes de conhecê-las. Ou seja, um julgamento prévio negativo que se faz dos indivíduos. Segundo o de **Racismo**, que é a crença numa ideologia que postula a existência de hierarquias entre grupos, de grupos melhores e outros piores. É de acordo com este último conceito que Munanga (2006, p.179) nos reafirma:

O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor de pele, tipo de cabelo, formato de olho etc. Ele é resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira.

Assim, o racismo se baseia num estereótipo para julgar alguém como inferior. É importante observar que muitas vezes o racismo leva o indivíduo a ter ódio pelo outro que ele julga inferior. E trabalhamos também com o conceito de **Discriminação racial**, que é o nome que se dá para a conduta que viola o direito das pessoas com base em critérios injustificáveis e injustos. Nesta etapa os alunos puderam tirar suas dúvidas sobre cada conceito, percebendo as diferenças e as particularidades de cada termo e principalmente se atentando para o quanto é maléfico a prática desses termos.



Imagem 1: Alunos do 8º B enfatizando em sua apresentação o Preconceito Racial, trabalhado em classe.



2ª ETAPA: POEMAS: A SENSIBILIDADE COM A TEMÁTICA

Com uma aula debate e através de pequenos textos, colhemos depoimentos dos alunos que já sofreram ou que já tiveram com alguém atitudes de discriminação. Nesta aula os alunos também trouxeram histórias acontecidas dentro da própria família onde muitos dos seus avós (brancos) e pais já discriminaram os negros por considerá-los inferiores. Refletimos também sobre os relatos que os alunos trouxeram de ações discriminatórias realizadas por vizinhos e até amigos. Além dos relatos contados pelos alunos, analisamos alguns dos textos e poemas trazidos sobre o negro e a temática do racismo, do preconceito e da discriminação. A maioria destes textos e poemas foram frutos da pesquisa dos alunos na internet ou em livros, porém tivemos também a produção realizada por eles próprios, como o poema abaixo.

*Eu não sou branco como as nuvens no céu
Mas sou preto como a noite.
E todo mundo tem que entender
Que só existe dia por que existe noite.
Por isso ninguém é melhor do que ninguém
Pois só o tempo permanece sempre além*

3ª ETAPA: MÚSICAS: UMA PAUSA PARA A REFLEXÃO

Nesta etapa procuramos trabalhar algumas músicas para se refletir a discriminação racial contra o negro. A primeira música analisada foi “Alma não tem cor” de Zeca Baleiro e “Olhos coloridos” de Sandra de Sá, ambas eleitas pelos alunos.



Imagem 2: Aula com análise das músicas que tratam sobre o preconceito racial

4ª ETAPA: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA: CARTAZES, ENSAIOS TEATRAIS, CARAS PINTADAS E NOSSA AFRICANIDADE.

Este foi um dos momentos mais importantes do projeto, pois foi a ocasião em que os alunos apresentaram suas pesquisas, seus painéis, seus cartazes mostrando todo o conhecimento adquirido depois de um mês de debates sobre o assunto.



Imagem 3: Cartazes e painéis produzidos pelos alunos do 8º ano

CARAS PINTADAS!!!

Os alunos além de apresentarem seus trabalhos em forma de cartazes, painéis também se pintaram e confeccionaram camisetas fazendo referência a temática, o que evidenciou ainda mais o quanto os mesmos apreenderam com o projeto.



Imagem 4: O apelo da equipe contra o racismo com as plaquinhas!



Imagem 5: Alunas pintam o rosto em sua apresentação contra a Discriminação Racial.

ENSAIOS TEATRAIS

Alguns grupos, para além da apresentação de seus cartazes e painéis decidiram abordar a temática da discriminação de forma teatral. Deste modo, ensaiaram e apresentaram os ensaios teatrais para a turma. Além dessas apresentações teatrais focarem no tema, os alunos deixavam no final das suas apresentações uma lição, uma crítica ou um apelo sobre o preconceito.



Imagem 6: Desfecho de uma apresentação teatral

REFERENCIAL TEÓRICO



O caminho dessa temática tem se configurado em grandes interrogações, estas são empecilhos que nesta caminhada incentivam os educadores a buscar cada vez mais a suprir e a vencer os obstáculos encontrados nesses caminhos. É neste percurso também que se encontra as problemáticas sobre a origem e a permanência da discriminação racial no Brasil e que muitas vezes encontra guarida no espaço escolar. De acordo com Costa (2008, p 137):

Depois da abolição os libertos foram esquecidos. Com exceção de algumas poucas vozes, ninguém parecia pensar que era sua responsabilidade contribuir de alguma maneira para facilitar a transição do escravo para o cidadão. [...] A maioria tinha estado mais preocupada em libertar os brancos do fardo da escravidão do que estender aos negros os direitos da cidadania.

Assim, depois da abolição da escravidão os negros no Brasil foram entregues a própria sorte, e a partir daí a discriminação se tornou cada vez mais forte em suas vidas. No âmbito da historiografia brasileira, muitos autores buscaram justificar ou amenizar a escravidão ocorrida no Brasil. Na obra *Casa Grande & Senzala*, pode-se perceber, por exemplo, que Freyre busca mostrar uma cordialidade, entre negros e brancos. Os atritos, os conflitos, tantas vezes infinitos são desconsiderados. Apolinário (2007, p.29) nos coloca:

Ao tratar das relações escravistas, Freyre ressalta a existência de uma relação idílica entre senhores e escravos. Para ele, a miscigenação racial era o segredo do *ethos* brasileiros. O discurso freyriano, direta ou indiretamente, contribuiu para a formação do mito da democracia racial no Brasil.

Dessa forma, o mito da democracia racial no Brasil, citada acima pela autora, tem até hoje gerado consequências bastante danosas para os afrodescendentes em nosso país, pois praticamos no Brasil um racismo de membros ativos que andam apressados quando percebem um negro em uma esquina esquisita, que lança a primeira pedra quando um negro é suspeito por algum delito, mas nosso racismo é sem rosto. Quando questionados afirmamos que não temos racismo.

O preconceito, o racismo e a discriminação racial fazem parte do cotidiano brasileiro e se mostram ora de modo sutil e camuflado ora de forma objetiva e violenta. Todavia, este não é um problema que diz unicamente ao povo de origem afro, mas diz respeito a todos nós brasileiros que lutamos e acreditamos num Brasil mais justo.



Desta forma, propomos nessa pesquisa sensibilizar nossos alunos na luta pela erradicação da discriminação racial no Brasil, fazendo-os refletir como esta prática humilha e maltrata os indivíduos atingidos por ela, pois além de negar-lhes sua cidadania os leva a exclusão social.

Buscar a desconstrução do preconceito, do racismo e da discriminação racial é uma tarefa que deve ter a colaboração de todos educadores que buscam um país mais justo. Sendo assim, podemos afirmar que enquanto educadores nosso aporte teórico maior em relação a tal assunto é a Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003, a qual altera a Lei nº 9,394, de 20 de dezembro de 1996 e que nos afirma:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Mediante a lei exposta acima, percebe-se que a luta do negro no Brasil e o resgate de sua contribuição na história e formação de nosso país é um dever de todos educadores e esse reconhecimento se estende para a sociedade como um todo. Pois as contribuições do povo negro para a nossa sociedade são múltiplas, como nos coloca Reis e Gomes (1996, p.339):

Além de movimentarem engenhos, fazendas, minas, cidades, plantações, fábricas, cozinhas e salões, os escravos da África e seus descendentes imprimiram marcas próprias sobre vários outros aspectos da cultura material e espiritual deste país, sua agricultura, culinária, religião, língua, música, artes, arquitetura... a lista é longa e já estamos cansados de ouvi-la.

Assim, as heranças culturais dos afros chegam até os nossos dias das mais diferentes formas. De modo geral, cabe a comunidade escolar se dar as mãos em prol da valorização do negro em nossa história e a luta pela eliminação do preconceito, do racismo e da discriminação contra o negro é um dos caminhos para conseguirmos uma sociedade mais justa e igualitária.

Para entrarmos na luta contra a discriminação racial seja ela encontrada nos corredores da escola ou nas ruas que passamos nos lugares em que moramos, é



importante reconhecermos que o Brasil é um país no qual a discriminação racial é muito presente, muito forte, por isso é interessante acabarmos com o mito que o brasileiro não tem preconceito e não discrimina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio, as discussões colocadas perante a turma foram conceituais. Dialogamos sobre o que cada termo significa e implica, conversamos sobre alguns autores e personagens nacionais e internacionais que lutam pelo fim da do preconceito racial. Dialogamos sobre as raízes discriminatórias herdadas desde nosso passado colonial, e os avanços das públicas e as leis que batem de frente com esta realidade tão maléfica de nossa nação.

Os resultados foram perceptíveis não só durante os debates, mas também na escrita e na produção de todo material divulgado. Os alunos puderam refletir sobre seus atos, entender as raízes desses processos e agenciarem a mudança a partir de tantas reflexões e depoimentos marcantes entre os próprios alunos.

Mas, o resultado mesmo, é que a sala de aula continua sendo um território fértil para se plantar o respeito a diversidade, a empatia, e a alteridade, por um mundo mais inclusivo e melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, podemos afirmar que nosso projeto traz algumas contribuições no campo da História e da Educação, ao que se refere ao povo negro e a discriminação racial.

A contextualização e a reflexão realizada durante as aulas nesse projeto nos mostraram que é possível sim acreditar num país mais igualitário onde a cidadania pode ser alcançada e vivenciada por todos independente de classe social, cor ou religião.

Acreditamos que ao dimensionamos nossas aulas em etapas diferentes nossos alunos foram interagindo e percebendo cada vez mais a importância da temática colocada pelo projeto. Por isso tivemos o cuidado de escolher uma metodologia que fosse capaz de apreender as particularidades dos alunos e que os estimulasse de várias formas no conhecimento e posicionamento no tocante ao tema do projeto.



Assim, as questões acerca da historicidade da discriminação racial foram fazendo com que os alunos percebessem quanto injusta é tal prática e os fez perceber que eles são ícones determinantes e fundamentais no combate e na eliminação da discriminação racial.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, J. R. **Escravidão Negra no Tocantins Colonial: Vivências escravistas em Arraias (1739-1800)**. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2007.

COSTA, E. V. da. **A abolição**. 8. ed. São Paulo: UNESP, 2008.

MUNANGA, K. **Negritude: Usos e sentidos**. São Paulo: editora Autêntica, 1988.

MUNANGA, K. e GOMES, N. L. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, 2006.

REIS, J. J. e GOMES, F. dos S. Introdução. In: REIS, João José. GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHMIDT, M. A. e CAINELLI, M. **Ensinar História**. São Paulo: Editora Scipione, 2009.

Site: www.planalto.g.br/ccivil-03/leis/2003/10.639

Site: <http://www.dhnet.org.br/w3/ceddhc/bdados/cartilha14.htm>